

DO QUADRO-NEGRO À LOUSA DIGITAL: A HISTÓRIA DE UM DISPOSITIVO ESCOLAR¹

From the Blackboard to the Computer Screen: the history of a school device

Maria Helena Camara Bastos²

RESUMO

Analisa a história do quadro-negro e as transformações operadas nesse dispositivo escolar, entendido, ao mesmo tempo, como uma “técnica de poder e um procedimento de saber”. Pesquisas na área de história da educação têm ressaltado arquitetura escolar, o espaço e o tempo escolar, sem deter-se sobre o significado do uso de certos objetos e as práticas ligadas a eles. Nessa perspectiva, o mobiliário escolar refletiria a pedagogia, na qual o quadro-negro ocupa especial centralidade. Pode-se afirmar que a centralidade pedagógica do e no quadro-negro resulta da ausência de manuais escolares e de outros recursos visuais para a aprendizagem, e da centralidade do processo pedagógico na figura do professor. O quadro-negro/verde/digital, como suporte das experiências cognitivas e estéticas da vida escolar, possibilita reconstruir a memória de uma prática educativa arraigada no cotidiano, na perspectiva de uma história das práticas escolares.

Palavras-chaves: dispositivo; cultura escolar; quadro-negro

ABSTRACT

The history of the blackboard and the transformations effected in this school device are analyzed, the blackboard being understood as a “tool of power and a procedure for knowledge”. Research in the area of history of education has highlighted school architecture, space, and time, without looking at the significance of the use of certain objects and practices connected with them. In this perspective, the school furnishings would reflect pedagogy, in which the blackboard occupies a special central position. It may be affirmed that the pedagogical centrality of and on the blackboard results in the absence of school manuals and other visual learning resources, and also results in centralizing the pedagogical process in the figure of the teacher. The blackboard/ whiteboard/ computer screen as a support for cognitive and esthetic experiences in school life, allows the reconstruction of the memory of an educational practice rooted in everyday life in the perspective of a history of school practices.

Key words: device, school culture, blackboard

¹ Esse artigo integra a linha de pesquisa “Educação brasileira e cultura escolar: análise de discursos e práticas educativas (séculos XIX e XX)”.

² Doutora em História e Filosofia da Educação; Pós-doutora no Service d'histoire de l'éducation/INRP-França; professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUCRS; Pesquisadora do CNPq.

“Aquiles ficou boiando no assunto. Material escolar? O que seria isso?
 (...) - Ora, classes, bancos, tinteiros, quadro-negro, giz, cadernos, lápis, canetas e livros, por enquanto apenas o primeiro livro.
 (...) Lucílio correu os olhos: sete classes usadas, judiadas a ponta de canivete, uma gueniza, mas reparável; quatorze tinteiros; um pote de tinta; três dúzias de lápis e quinze canetas; um quadro-negro, um pano para limpeza e uma esponja; uma caixinha cheia de bastonetes de giz e, por último, uma palmatória.
 (...) Eu os deixava à vontade, com a condição de que não fizessem barulho. Gostavam quando eu ia para o quadro-negro e desenhava mapas”. (MARTINS, 1988, p.30, 95, 240)

“Na hora da tabuada, a professora apontava os números no quadro-negro com o ponteiro e os alunos gritavam em coro: dois e dois são quatro!”. (VERÍSSIMO, 1975, p.8)

“Os exames... Horas de angústia, rostos pálidos, olhos fulgurantes. Em cima da mesa da professora, um vaso com flores. Na hora do exame oral de aritmética, diante da pedra, ela tremia, suava frio. Seu rosto estava da cor do giz que lhe dançava entre os dedos”. (VERÍSSIMO, 1995, p.182)

“Ergue-se e caminha até o quadro-negro. (...) Pega do giz e risca as palavras *via e nihil*. (...) Põe o giz no rebordo do quadro-negro e limpa as mãos com o lenço. Pois ora muito bem. Vamos ver... o senhor... Que vem a ser quantidade? O rapaz coça a cabeça... embaraçado, e seus olhos fitam o quadro-negro, vazios, inexpressivos, parados”. (VERÍSSIMO, 1995, p.84)

“No colégio os meninos estão roxos de frio. As horas custam a passar. Os dedos ficam duros quando pegam do giz e no quadro-negro as letras e os números são garranchos tortos e feios”. (VERÍSSIMO, 1960, p.139).

“Duas lousas, uma sobre o cavalete, e a outra pendurada na parede. Achei pouco, habituado, como estava, com as do grupo, que eram enormes”. (ANDRADE, s/d, p.63)

“Quando as aulas começaram, no ano seguinte, não era ela que estava sentada na cadeira, atrás da mesa, sobre o estrado, diante do quadro-negro”. (ZIRALDO, p.98)³

Todos guardam em sua memória da sala de aula a presença significativa do quadro-negro⁴. Considerado uma peça essencial do mobiliário escolar, povoa o imaginário de nossos tempos de escola⁵. Essas recordações despertam lembranças alegres, mas também situações de medo e de humilhação - não

³ A literatura, considerada como um dispositivo pedagógico, permite entrever os enunciados discursivos de um tempo e espaço, as representações sociais e o imaginário de atores sociais, reais e ficcionais. Sobre a história, literatura e história da educação, ver Decca&Lemaire (2000); Dosse (2001); Pesavento (2003); Zilbermann (2004).

⁴ Ernani Satyro (1954, p.338) escreve o romance (livro de memórias) com o título *O Quadro-negro*, que serve de metáfora para analisar sua vida e sua trajetória escolar: “o quarto onde eu dormia era um enorme quadro-negro, onde estavam escritas, como se fossem equações resolvidas, as várias fases de minha vida. Os números eram ao mesmo tempo números e paisagens. Ali estava a cheia do rio, com o rapagão se atirando à correnteza. Adiante, a palmatória de Sobral. As vacas de osso, o Colégio, o Liceu, a Faculdade, Paulino Caboclo, o vermelhinho Honório (Honório ainda sorria!), tudo se encontrava desenhado. (...) E eu tomava decididamente de uma esponja, para apagar tudo, começar a vida de novo”. Frei Betto (2003, p.81), em sua “Autobiografia escolar”, também assinala o uso do quadro-negro na sala de aula: “A professora descortinou-nos uma Minas tão montanhosa quanto acíves e declives de vogais e consoantes do nome do estado, de tal modo desenhadas no quadro-negro, (...). O ardor mineiro refletia-se na estampa de Tiradentes ao lado do quadro-negro”.

⁵ Vários romances, contos, memórias abordam temas vinculados à escola e o período de formação. Exemplar é o “Conto de Escola”, de Machado de Assis (1884). Outro exemplo seria a obra coletiva com contos de escola – *Histórias dos tempos de escola* (FALCÃO et alii, 2002). Sobre romance e escola, ver: Tison (2004); Krumb (2004); Thélot (2001).

saber resolver as contas de aritmética frente a todos os colegas, o castigo de escrever no quadro várias vezes a mesma frase⁶, as extensas lições e temas de casa que a professora escrevia e que deviam ser copiadas durante grande parte do turno escolar, os avisos copiados para serem levados aos pais.

O quadro-negro também foi um espaço privilegiado para brincadeiras nos intervalos escolares, de expressão da contestação dos alunos. Está presente nas famosas fotos de fim-de-ano escolar: o aluno/aluna sentado na mesa da professora, tendo o quadro-negro ao fundo, a bandeira e o globo terrestre. Enfim, o cotidiano escolar passava e passa ainda hoje através desse dispositivo de escrita e de disciplina do emprego do tempo e do fazer escolar, da escola infantil à Universidade.

O quadro-negro também está associado à representação da docência. Em fotos, charges, desenhos, pinturas, etc. a figura do professor é comumente retratada diante de um quadro-negro. Um exemplo é o filme documentário iraniano (2000) – *O quadro-negro* (How Samira made blackboards, da diretora Samira Makhmalbaf) – em que um professor desempregado, na área montanhosa árida da fronteira do Irã com o Iraque, se esforça em alfabetizar um grupo de migrantes, que fogem da guerra, e um grupo de jovens adolescentes, que servem de *mulas* humanas para transporte de contrabando entre as fronteiras. O professor, de posse de seu único bem – o quadro-negro – integra-se ao grupo na sua caminhada e o usa como instrumento de saber, como instrumento de vida, para abrigar-se do sol, para proteger as crianças – como instrumento de sobrevivência – trabalho, proteção dos ataques aéreos.

Recentemente, a Revista Época (8 de julho de 2002, p.93) publicou matéria intitulada *O sucessor do quadro-negro*, em que mostra sua substituição por uma plataforma sensível ao toque, denominada *lousa digital*, que funciona como um grande monitor que exhibe arquivos de fotos e de vídeos preparados pelo professor e que também pode receber informações escritas diretamente na tela. Além disso, a *lousa digital* está conectada em rede com o computador dos alunos, para que visualizem a aula nos terminais instalados nas carteiras. Segundo a reportagem, esse dispositivo agradou os alunos, já que ficam dispensados de *copiar* enquanto o professor explica. A inovação eletrônica facilita uma prática histórica do cotidiano da sala de aula – a cópia do quadro –, mas não substitui o quadro em si.⁷

Quando foi instituído o quadro-negro – que já foi negro, ficou verde e, agora, é branco –, na prática escolar? Esse é o objetivo do artigo: trazer algumas notas sobre a origem e usos do quadro-negro na sala de aula, desconhecida por muitos que fazem uso cotidiano desse dispositivo escolar, entendido, ao mesmo tempo, como uma “técnica de poder e um procedimento de saber”. Conforme Anne-Marie Chartier (2002, p.10) o conceito de dispositivo “é completamente compatível com a idéia técnica de que se trata de maquinarias institucionalizadas e finalizadas. (...) O método tem a ver com a lógica de um discurso que justifica suas etapas (que também são ações), enquanto a técnica encadeia gestos finalizados e validados pelos resultados”. Citando Michel Foucault, define dispositivo como “uma realidade heterogênea, na qual se encontram entrelaçados discursos, instituições, agenciamentos arquiteturais, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas, em suma: o dito quanto o não dito”. Exemplificando, diz que sob a etiqueta “dispositivo disciplinar”, encontra-se tanto uma instituição como a escola, uma organização como a classe, como o quadro que se torna no século XVIII ao mesmo tempo “uma técnica de poder e um procedimento de saber”(CHARTIER, 2002, p. 12).

Pesquisas na área de história da educação têm ressaltado a arquitetura escolar, o espaço e o tempo escolar, sem deter-se sobre o significado do uso de certos objetos e as práticas ligadas a eles. Viñao Frago e Escolano Benito (1998, p. 121) destacam o papel da sala de aula ou as relações entre os métodos pedagógicos e a disposição espacial e dos objetos. Assinalam que são os conteúdos pedagógicos que dão qualidade ao espaço. Nessa perspectiva, o mobiliário escolar refletiria a pedagogia, na qual o quadro-negro ocupa especial centralidade. Pode-se afirmar que a centralidade pedagógica do e no quadro-

⁶ A revista VEJA (1º de dezembro de 2004, p.35) publicou um pé de página, intitulado “Ao mestre, sem carinho”, em que relata recordações de castigos vividos na escola por pessoas famosas. O relato da apresentadora Eliana exemplifica bem o uso do quadro-negro para situações de castigo: “Aos seis anos, uma professora me obrigou, na frente de todo o mundo, a encher a lousa com uma palavra que eu escrevia errado. Tive um bloqueio e até esqueci a palavra”.

⁷ As opiniões são divergentes. Em reportagem sobre a Escola do Terceiro Milênio (Zero Hora, 26 de setembro de 1999), na sala de aula projetada pelos educadores consultados, o quadro-negro perderia o seu papel central, mas continuaria existindo. Não haveria mais a cópia mecânica dos conteúdos no caderno e aulas expositivas, portanto a finalidade do quadro-negro não teria mais sentido.

negro resulta da ausência de manuais escolares e de outros recursos visuais para a aprendizagem. Também a centralidade do processo pedagógico na figura do professor e o seu distanciamento, localizado sob um estrado, exige o quadro-negro, os quadros murais, as lousas dos alunos.

O dicionário Houaiss (2001, p. 2344) apresenta a seguinte definição para quadro-negro: *“superfície lisa, plana ou ligeiramente côncava, feita de madeira ou ardósia, geralmente pintada de negro ou verde, muito usada nas escolas para sobre ela escrever-se a giz”*. O verbete ainda acrescenta os diferentes nomes por que é conhecido: quadro-de-giz, pedra, lousa. O quadro-negro pode estar pregado à parede ou sobre cavaletes. Quando móvel, apresenta dimensões mais reduzidas, em torno de um metro, e serve para que o professor coloque os deveres de casa ou resumos de lições previamente preparados.

As pedras ou tábuas de mármore foram inicialmente usadas como superfícies próprias à escrita; a pedra branca, o carvão e o gesso também foram utilizados para escrever.

O ensino mútuo/monitorial⁸ inaugura uma arquitetura do espaço escolar, em que mobiliário e material passam a ser dispositivos fundamentais para o sucesso do método. Os quadros-negros são sistematicamente utilizados, especialmente, para o desenho linear e para a aritmética – medem 1m de comprimento por 0,70 de largura; na parte superior, têm um metro móvel e são colocados no interior de cada semicírculo, sendo de uso constante dos monitores dos alunos. Os alunos também têm uma pequena lousa, o que permite a iniciação às letras, aos números, às figuras geométricas, e também à aprendizagem simultânea da leitura e da escrita (LESAGE, 1999, p.15).

No Rio Grande do Sul, o recibo passado pelo professor João da Silva Paranhos, em 17 de dezembro de 1835, lista os utensílios escolares recebidos para o ensino mútuo, em que não consta um quadro-negro, mas *30 pedras de escrever* destinadas aos alunos⁹. Esse fato nos permite aventar a hipótese de que o quadro-negro ainda não era um dispositivo presente na sala de aula brasileira.

É no final do século XIX que o uso do quadro-negro instala-se nas escolas e que começa a ocupar um espaço central na sala de aula, período em que paulatinamente consolidam-se os sistemas públicos de instrução elementar e, paralelamente, crescem as exigências de um mínimo de mobiliário e material escolar.

À medida que se introduz o método simultâneo, o quadro-negro assume o seu lugar privilegiado na sala de aula, junto com os quadros murais, os mapas, o abecedário, etc. Com o realismo pedagógico e o método intuitivo, ampliam-se os recursos materiais como auxiliares do processo ensino-aprendizagem. Na França, a partir do decreto de 27 de julho de 1882, o quadro-negro figura na lista de materiais de ensino que cada comuna deve fornecer ao professor primário. A partir de então, passa a figurar como dogma da escola moderna a seguinte máxima: *“o melhor professor é aquele que mais usa o giz”* (M.P, 1901, p.186).

As vantagens do uso do quadro-negro residiam na possibilidade de o professor utilizar-se desse dispositivo para o ensino simultâneo das primeiras lições de leitura e de escrita. O quadro-negro para o professor e a lousa para o aluno eram meios pelos quais seria conhecido o alfabeto e seriam desenhadas as letras. Além disso, era um excelente meio de ensinar em pouco tempo os alunos a ler e escrever. Um auxiliar indispensável para a lição oral, um suporte de escrita – “um ritual diário de escrita para fixar discursos e práticas pedagógicas” (CHARTIER, 2002, p.17). Isto é, apresenta aos olhos dos alunos, de uma maneira permanente, o que a instrução oral não permitia fixar - um dispositivo *para fazer ver e para fazer falar* (DELEUZE, in BALBIER, 1990, p.155).

Interessante assinalar o plano de divisão de estudos para a Província do Paraná (1856), proposto pelo inspetor geral da Instrução Pública, José Ignácio Silveira da Motta. Para a primeira classe em que se ensina a soletrar e a decompor as palavras em sílabas, recomenda ao professor dar meia hora de lição

⁸ Sobre ensino mútuo/monitorial, ver: Bastos & Faria Filho (1999).

⁹ “8 escrivatinhas com banco, 6 mochos, 5 telégrafos, 6 cadeiras, 8 semicírculos de ferro, 11 tabelas, 14 ponteiros, 30 caixilhos com vidro, 46 exemplares de Padre Ventura, 30 pedras de escrever, uma mesa com duas gavetas, 18 régua quadradas, 3 lápis, 10 tinteiros de folha, uma campainha, uma tesoura, um livro para a matrícula, um jogo de compasso e tira-linhas, um compasso, um Elemento de Geografia, por Euclides, com o mapa das figuras; um dito de Aritmética, por Bezout; 6 Gramáticas Portuguesas, por Figueiredo; uma dita, pelo Padre Fortis; 9 Economia da Vida Humana; 6 Catecismos de Montplier; 10 folhetos sobre os Queijos de Roqueforte; 31 ditos sobre a Cultura de Várias Plantas; 5 Catecismos de Moral Política; 18 Estratos sobre a Potassa; 6 Adèle e Dabeligni; um de Ensino Mútuo; uma pedra de afiar; 7 argolas para os telégrafos; um barril para água; um côco também sem serventia”. (KRAEMER NETO, 1969, p.65)

fazendo as suas explicações no quadro preto; para a segunda classe, o professor deverá fazer as explicações sobre o quadro preto, quando se tratar de pontuação, conjugação de verbos e aritmética; para a terceira classe, as explicações de ortografia, aritmética e geometria plana, o professor dará sobre o quadro preto (VECHIA, 2004, p.139).

A *lousa* ou *ardósia* também compunha o material escolar do aluno, sendo o seu único instrumento de trabalho até meados do século XIX, antes da generalização do uso do caderno escolar¹⁰. É um quadrado de madeira que protege a fina placa de xisto retangular (de 20 a 30 cm de comprimento por 15 de largura), muitas vezes quadriculado. Os alunos fazem sobre a ardósia várias atividades antes de as copiarem no caderno - as operações matemáticas, a decomposição de frases, escrevem os resultados do cálculo mental, desenham¹¹. Além de escrever e calcular, a ardósia foi o suporte essencial das interrogações orais do professor.

A professora primária Rosalina Frazão (1884), ao falar sobre o material das escolas brasileiras, denuncia a má qualidade dos quadros-negros, recomendando sua substituição pelas tábuas ardoadas empregadas nos Estados Unidos, justificando:

“é incalculável o incomodo que dá um quadro-negro de madeiras, a que se adapta uma tinta mal preparada; o giz fica-lhe tão aderente que é quase impossível trazer o quadro limpo. Torna-se necessário molhar a esponja, o que, longe de concorrer para o asseio do quadro, faz com o giz uma espécie de lama branca que impede completamente o trabalho regular. Ao passo que as tábuas preparadas com ardósia deixam-se limpar facilmente com esponja seca”.

O uso da lousa por alunos de uma escola rural rio-grandense, na década de vinte do século XX, pode ser observada nas memórias do professor Schreiner (s/d, p. 81)

“Somente depois que os alunos sabiam escrever bem e com caligrafia bonita nas pedras de lousa, é que lhes era permitido começar a escrever com tinta e pena de aço. (...) Para apagar o que tinham escrito na lousa, os alunos tinham um paninho e um vidrinho com água. Cuspir na pedra de lousa para apagar alguma coisa era proibido, mas, mesmo assim, era feito ocultamente com muita frequência”¹².

Vidal e Esteves (2003, p. 134), indicam que a retirada das lousas individuais nas séries iniciais, especialmente nas capitais, se deu pelo crescimento da produção do papel nos anos 1920. A escrita a lápis em papel permitia uma leveza do traço que a de lápis de pedra não podia obter. No interior do estado de São Paulo, no entanto, a lousa individual foi utilizada até os anos de 1940 para as primeiras séries.

Ao longo do século XX, o *quadro-negro* vai assumindo novas texturas, é substituído pelo *quadro-verde*, mas continua dominando a centralidade do processo de ensino-aprendizagem – “para atender às exigências da moderna higiene tem-se procurado fazer a lousa de cor branca com giz preto, quadro marrom, azul celeste e azeitonado. Parece-me que este último é a coloração mais indicada. Estão com a palavra os oftalmologistas” (CAMARGO, 2000, p.117).

Pedro Nava, em suas memórias da vida escolar descritas em Balão Cativo, (2.000, p. 158), recorda o quadro-verde no Colégio Anglo-Mineiro – “Mais se acentuava essa cor pelo reflexo que vinha do quadro-negro que não era negro, era verde e ocupava toda a parede. Tratava-se duma espécie de oleado fosco, colado diretamente no muro das classes”. No preparo aos exames para admissão no Colégio Pedro II, lembra as aulas na casa de Ennes de Souza “que me esfregava em aritmética num quadro-negro que havia no seu escritório” (p.284).

Alzira Alves Vilella, em 24 de fevereiro de 1921, faz a seguinte descrição do quadro-negro, para uso na sala de aula como ditado

¹⁰ Gvirtz (1997, p44) afirma que a polêmica do quadro-negro versus o caderno escolar se dá na segunda metade do século XIX.

¹¹ “Com o desenho linear sobre a ardósia se chegará a preparar o aluno para a caligrafia” (GARCIA, 1884, p.7).

¹² Eric Hobsbawn (2002, p.35) faz um interessante depoimento do seu tempo de escola primária: “As crianças da metade da década de 20 em Viena ainda aprendiam a escrever com as antigas letras góticas em lousas com molduras de madeira, apagando com pequenas esponjas”.

“O quadro-negro existente na sala da aula do 1º ano gymnasial do Instituto Propedêutico Ityutabano, está collocado junto à parede do lado do poente na sua (parte) extremidade norte, suspenso por um triangulo de madeira que tem um lado pousado no pavimento e o vértice opposto encostado à mesma parede, conservando-o na posição inclinada. É feito de madeira, envernizado de azul preto, de forma rectangular e guarnecido de moldura grosseira. É um móvel indispensável parar qualquer estabelecimento de instrução”. (In: RIBEIRO & SILVA, 2003, p.78).

Orientações para o correto uso do quadro-negro em sala de aula também fez parte da formação da professora primária na Escola Normal. Luiz Alves de Matos¹³ publica a obra “O Quadro Negro e sua utilização no ensino” (1954), que teve duas edições, em que aborda a história do quadro-negro, as suas funções didáticas para o ensino simultâneo e para o ensino progressista, a técnica de sua utilização e normas práticas. No prefácio à primeira edição fez o seguinte registro:

“(…) ao elaborá-lo tivemos sempre em vista aquele abnegado e heróico professor brasileiro que, em suas horas de devaneio, sonha com modelares escolas progressistas, ricamente aparelhadas e providas dos mais modernos recursos didáticos. (...) ao seu alcance, entre as quatro paredes nuas da sala de aula, apenas, o quadro negro emerge modestamente como a única tábua de salvação”. (In: VILARINHO, 2002, p. 719)

Marilena Camargo, em sua obra *Coisas Velhas: um percurso de investigação sobre cultura escolar (1928-1958)*, relata vários eventos do uso cotidiano do quadro-negro:

“o professor Amélio, diferentemente dos demais professores, fazia a exposição de sua mesa, à frente da classe, levantando-se apenas para o uso do quadro-negro para indicar o nome de um autor, o título de uma obra, fazer esquemas ou chaves e sintetizar os pontos. (...) A professora Licia interrompia a leitura para explicar trechos que ela achava difíceis e, uma vez ou outra, pedia para uma aluna escrever na lousa alguns “resuminhos”. (p. 101)”.

Analisando os cadernos escolares das alunas da Escola Normal, nos anos 50, Camargo constata a presença significativa de lições sobre a importância do quadro-negro como recurso audio-visual, de valor didático, e sua ligação com a higiene escolar. Apresenta um precioso fragmento de modelo de aula dado pelo professor de Prática, José Cardoso, no terceiro ano da Normal

“Importância do quadro-negro

Dois licenciados em História foram escalados para dar aula sobre o mesmo tema numa classe de 1ª série. O primeiro possuía tom de voz agradável, linguagem clara, vocabulário bem desenvolvido. Começou a dar aula de maneira interessante, os alunos ficaram muito atentos. Mas só ficou na exposição oral, não se utilizou do quadro-negro. Depois de vinte minutos, a classe já se tornara passiva, sobreveio a fadiga e o desinteresse. O segundo possuía uma voz fraca e menos agradável. Trabalhou com o quadro-negro anotando os fatos principais, utilizou-se de hábeis esquemas gráficos. Os alunos, sem que ninguém mandasse, pegaram os cadernos, anotaram os fatos principais e prestaram o máximo de atenção aos detalhes” (p.116).

Finalizando, o quadro-negro/verde/digital – do giz à caneta eletrônica - como suporte das experiências cognitivas e estéticas da vida escolar, possibilita reconstruir a memória de uma prática educativa arraigada no cotidiano de todo aluno, na perspectiva de uma história das práticas escolares.

¹³ Sobre, ver: Vilarinho (2002)

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Thales. **Saudade**. São Paulo: Cia Editora Nacional, s/d.
- BASTOS, M.H.C.; FARIA Fº, L. M. de. (Org.) **A Escola Elementar no século XIX**. O método monitorial/mútuo. Passo Fundo: EdUPF, 1999.
- BIDON, Danièle Alexandre et al. **Le patrimoine de l'éducation nationale**. Paris: Ed. Flohic, 1999.
- BRESLER, Henri. Du tableau noir au tableau vert de la classe ou l'histoire du mobilier scolaire. In: CHÂTELET, Anne-Marie (Org.) **Paris à l'école, "qui a eu cette idée folle"**. Paris: Ed. Picard/Ed. Du Pavillon de l' Arsenal, 1993. Pp. 106-117.
- CAMARGO, Marilena A. Jorge Guedes de. **Coisas Velhas: um percurso de investigação sobre cultura escolar (1928-1958)**. São Paulo: Unesp, 2.000.
- CHARTIER, A-M. Um dispositivo sem autor. Cadernos e fichários na escola primária. *Revista Brasileira de História da Educação*. Campinas, n.3, pp.9-26, jan-jun. 2002.
- DECCA, Edgar S.; LEMAIRE, Ria (Org.) **Pelas Margens**. Outros caminhos da História e da Literatura. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS; Campinas: Editora da UNICAMP, 2000.
- DELEUZE, Giles. Qué es un dispositivo? In: BALBIER, E. et al. **Michel Foucault Filósofo**. Barcelona: Gedisa, 1990. Pp.155-163.
- DOSSE, François. **A História à prova do tempo. Da história em migalhas ao resgate do sentido**. São Paulo: UNESP, 2001.
- ESCOLANO BENITO, Augustin. **Tiempos y espacios para la escuela. Ensayos históricos**. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 2000.
- FALCÃO, Adriana et alii. **Histórias dos tempos de escola**. Memória e aprendizado. São Paulo: Novalexandria, 2002.
- FRAZÃO, Rosalina. Classificação das escolas primárias. Disciplinas que devem ser ensinadas. Material escolar. In: **Actas e Pareceres do Congresso da Instrução/Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1884.
- FREI BETTO. **Alfabeto. Autobiografia Escolar**. São Paulo: Ática, 2003.
- GARCIA, José Manoel. Methodos e programmas de ensino nas escolas primarias; sua reforma. Adopção de livros. In: **Actas e Pareceres do Congresso da Instrução/Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1884.
- GIMARD, Marie et Jacques. **Mémoire d'école**. Paris: Le Pré aux Clercs, 1997.
- GVIRTZ, Silvina. **Del curriculum prescrito al curriculum enseñado**. Una mirada a los cuadernos de clase. Buenos Aires: Aique, 1997.
- HOBSBAWM, Eric. **Tempos Interessantes**. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- HOUAISS. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KRAEMER NETO. **Nos tempos da velha escola...** Porto Alegre: Sulina, 1969.

KRUMB, Christian. **L'âge d'or du tableau noir.** Paris: Les Belles Lettres, 2004.

LESAGE, Pierre. A pedagogia nas escolas mútuas do século XIX. In: BASTOS, M.H.C.; FARIA Fº, L. M. de. (Org.) **A Escola Elementar no século XIX. O método monitorial/mútuo.** Passo Fundo: EdUPF, 1999.

MARTINS, Cyro. **O Professor.** Porto Alegre: Movimento, 1988. M.P. Notes sur les origines du tableau noir. **Revue Pédagogique.** Paris, t. XXXVIII, n. 1, 15 janvier 1901. Pp.186-188.

MATTOS, Luiz Alves de. **O Quadro-Negro e sua utilização no ensino.** Rio de Janeiro: Ed. Aurora, 1954. (Coleção Cultura para Todos).

M.P. Notes sur les origines du tableau noir. **Revue Pédagogique.** Paris, t. XXXVIII, n. 1, 15 janvier 1901. Pp. 186-188.

NAVA, Pedro. **Balão Cativo.** São Paulo: Ateliê Ed, 2.000.

PESAVENTO, Sandra Jatáhy. **O mundo como texto: leituras da História e da Literatura.** *Revista História da Educação.* ASPHE-UFPEL, v.7, nº14, pp.31-46, set. 2003.

RIBEIRO, Betânia de Oliveira Laterza; SILVA, Elizabeth Farias da. **Primórdios da Escola Pública Republicana no Triângulo Mineiro.** Ituiutaba: Egil/FAPEMIG, 2003.

RICO, Antón Costa. Mobliario, dotación y equipamiento escolar em el siglo XIX. **Revista Historia de la educación.** Universidad de Salamanca, n. 16, 1997. Pp. 91-112.

SANTOS, Maria Lúcia. **Do giz à era digital.** São Paulo: Zouk, 2003.

SATYRO, Ernani. **O quadro-Negro.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

SCHREINER, Rudolpho W. **Palmitos – 1926-1931.** Reminiscências de seu primeiro professor. Lajeado, s/ed, s/d.

THÉLOT, Claude. **Les écrivains français racontent l'école. 100 textes essentiels.** Paris: Delagrave/Maisonneuve&Larase, 2001.

TISON, Guillemette. **Le Roman à l'école au XIXe siècle.** Paris: Belin, 2004.

VECHIA, Ariclê. O plano de estudos das escolas públicas elementares na Província do Paraná. Ler e escrever, para Deus e o Estado. **Revista Brasileira de História da Educação.** SBHE, nº7, jan/jul.2004. pp.135-160.

VERÍSSIMO, Érico. **Olhai os lírios do campo.** Porto Alegre: Globo, 1975.

_____. **Clarissa.** São Paulo: Globo, 1995.

_____. **Caminhos Cruzados.** São Paulo: Globo, 1995.

_____. **Música ao longe.** Porto Alegre: Globo, 1960.

VIDAL, Diana G.; ESTEVES, Isabel de Lourdes. Modelos caligráficos concorrentes: as prescrições para a escrita na escola primária paulista (1910-1940). In: PERES, Eliane; TAMBARA, Elomar (Org.) **Livros escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil** (séculos XIX e XX). Pelotas: Seiva/FAPERGS, 2003. p. 117-138.

VILARINHO, Lúcia Regina G. Luiz Narcizo Alves de Mattos. In: FÁVERO, Maria de Lourdes; BRITTO, Jader de Medeiros (Org.) **Dicionário de Educadores no Brasil: da Colônia aos dias atuais**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Brasília: Mec/Inep, 2002. pp. 715-722.

VIÑAO FRAGO, A.; ESCOLANO BENTTO, A. **Currículo, espaço e subjetividade**. A arquitetura como programa. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

ZILBERMANN, Regina. Literatura e História da Educação: representações do professor na ficção brasileira. **Revista História da Educação**. ASPHE-UFPEL, v.8, nº15, pp.73-88, abr. 2004.

ZIRALDO. **Uma professora muito maluquinha**. São Paulo: Melhoramentos, 1995.

